

Atos falhos e intencionalidade
Moysés Floriano Machado-Filho

Resumo: Este texto tem por objetivo examinar dois conceitos fundamentais que constituem a psicanálise, tratados no conjunto das *Conferências* I, II, III e IV. Em seu período inaugural, a psicanálise atravessou uma fase na qual uma de suas hipóteses era ainda muito impopular, pois ela declarava que apenas uma parte de toda a vida mental é consciente. Para mostrar a validade da hipótese de que existe uma instância outra que não só a consciência, ou seja, o inconsciente, Freud ocupa-se de prová-la, dentre outras maneiras, por meio da investigação de fenômenos muito freqüentes a todas as pessoas: os atos falhos e a intencionalidade neles investida.

Preliminares

O trabalho psicanalítico possui peculiaridades que lhe são inerentes e, de certa forma, oferecem uma considerável dificuldade de serem caracterizadas. Acerca desse trabalho, duas afirmações de Freud, na *Conferência I*, poderiam ser aqui destacadas:

- (1) “é verdade que a psicanálise não pode ser aprendida facilmente”,
- (2) “naturalmente, porém, existe um método que se pode seguir, apesar de tudo”¹.

Freud prossegue dizendo que o procedimento a que se tem acesso, por assim dizer, “naturalmente”, assinalado como método acessível “apesar de tudo”, não corresponde plenamente à auto-observação, embora possa estar nela implícito. Segundo ele, nota-se que quando se adquire algum conhecimento da técnica, muitos fenômenos mentais podem começar a ser objeto de análise do

¹ FREUD, S., *Conferência I*, in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XV, Rio de Janeiro, Imago, 2006, p. 29.

próprio indivíduo. Contudo, nesse caso, há limites bem definidos ao progresso por meio de uma abordagem psicanalítica feita dessa maneira. De acordo com Freud, “a pessoa progride muito mais se ela própria é analisada por um analista experiente e vivencia os efeitos da análise em seu próprio eu (*self*), fazendo uso da oportunidade de assimilar de seu analista a técnica mais sutil do processo”².

Essa técnica sutil baseia-se em um intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista. É uma das hipóteses com que a psicanálise trabalha é a de que “os processos mentais são, em si mesmos, inconscientes e que de toda a vida mental apenas determinados atos e partes isoladas são conscientes”³. O significado da importância disso pode ser expresso nas palavras de J.- D. Nasio, ao dizer que “o instrumento do psicanalista não é apenas o saber, mas, acima de tudo, seu próprio inconsciente, único meio de que ele dispõe para captar o inconsciente do paciente”⁴.

Assim, considerando-se que a psicanálise se instala em um contexto dessa natureza, é preciso destacar não só o papel proeminente que nele o inconsciente ocupa, mas também como ocorre um tipo de sua manifestação.

Vestígios

A princípio, Freud percebe que enfrentará oposição de um determinado grupo e que corre o risco de “perder a simpatia de todos os amigos do pensamento científico solene”⁵. E não se intimida diante desse primeiro obstáculo, aliás, na introdução dos trabalhos, declara que descreve “como preconceito uma

² Idem, *ibidem*, p. 29.

³ Idem, *ibidem*, p. 31.

⁴ NASIO, J.- D., *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*, Rio de Janeiro, Zahar, 1995, p. 46.

⁵ FREUD, S., *Conferência I, opus cit.*, p. 31.

afirmação de natureza tão abstrata como ‘o que é mental é consciente’⁶. Eis, portanto, alguns dos motivos que o levam a abrir a *Conferência II* com o seguinte aviso: “não começaremos com postulados, e sim com uma investigação”⁷.

No centro dessa investigação se localizam os fenômenos a que estão sujeitas todas as pessoas e que nada têm a ver com doenças: os atos falhos. A abertura despretensiosa mantém velado, conforme será explicitado mais adiante, os objetivos surpreendentes do autor. Ele chega a dizer que a psicanálise não pode orgulhar-se de nunca haver-se ocupado de trivialidades, ao contrário, “o material para sua observação é geralmente proporcionado pelos acontecimentos banais, postos de lado pelas demais ciências como sendo bastante insignificantes — o refugio, poderíamos dizer, do mundo dos fenômenos”⁸.

O exame de algumas situações indica que, na verdade, um “refugio”, ou seja, isso que se convencionou deixar de lado, pode representar um material nada desprezível. Para ilustrar o significado de detalhes, mostra-se que o interesse que temos, por exemplo, por alguém que amamos, no início do relacionamento, não se revela senão em “pequenos indícios”, posto que, em geral, não é de se esperar que o outro faça uma expressa declaração de amor, ou que se lance sobre nós para um abraço apaixonado. Da mesma maneira, na solução de um crime não se pode supor que o assassino deixará uma fotografia dele no local, com seu respectivo endereço; é preciso, pois, percorrer a cena do crime, em busca de *vestígios*, que por sua natureza mesma, são fracos e obscuros.

Entretanto, nem todo vestígio é o tipo de indício que interessa a uma investigação. E, embora possam existir atos falhos classificados em três tipos de ocorrência: lapsos de língua, lapsos de escrita e de leitura, apenas aqueles do primeiro tipo serão aqui destacados. Além disso, não serão objeto de dedicação especial, nesse momento, os atos falhos em que estão envolvidos: 1) indisposição e cansaço; 2) excitação; e 3) excessiva ocupação com outras coisas.

⁶ Idem, *ibidem*, p. 31.

⁷ FREUD, S., *Conferência II*, *opus cit.*, p. 35.

⁸ Idem, *ibidem*, pp. 36-37.

Caracterização

O que nos interessará, por enquanto, será o tipo de ato falho mais comum e, simultaneamente, o mais notável: aquele em que se diz o exato oposto do que se queria dizer.

Com isso, pretende-se algo impensável, até aquele período, porque, de acordo com Freud, o produto do ato falho pode “ele próprio ter o direito de ser considerado como ato psíquico inteiramente válido, que persegue um objetivo próprio, como uma afirmação que tem seu conteúdo e seu significado”⁹. Ora, considerar o ato falho como ato psíquico inteiramente válido é o mesmo que torná-lo dotado de uma intencionalidade singular que lhe é intrínseca. Isso equivale a dizer que o ato falho é, “ele mesmo, um ato bastante *normal*, que simplesmente tomou o lugar de outro, que era o ato que se esperava ou desejava”¹⁰.

Todavia, ao ser dito isso, o conceito de mente humana precisará ser modificado ou ampliado nessa nova teoria, visto que, em geral, considerava-se que aquilo que surgia na linguagem era expressão apenas da consciência, sendo que, quando aconteciam atos falhos, tratava-se ainda de lapsos dela, a consciência.

Freud vai mais longe dizendo que “não temos qualquer dificuldade em chamar a atenção para o *sentido* desse lapso de língua, ou, por outras palavras, de interpretá-lo. (...) O lapso de língua tem seu inconfundível outro lado: estava expressando um programa coerentemente planejado”¹¹.

Assim sendo, os atos falhos não mais poderão ser atribuídos ao acaso e, conseqüentemente, devem ter algo que os impele a se manifestarem. O

⁹ FREUD, S., *Conferência II, opus cit.*, p. 44.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 44.

¹¹ Idem, *ibidem*, pp. 44-45, grifo meu. Mais adiante, Freud diz que “na maioria de nossas investigações podemos substituir ‘sentido’ por ‘intenção’ ou ‘propósito’, pp. 49 e 68.

prossequimento da investigação traz a analogia, já utilizada em outra ocasião¹², do furto na escuridão para ilustrar o problema quanto ao fato de existir mesmo alguma outra instância operando na mente. Em seguida, busca-se uma caracterização desses fenômenos para especificar se há ou não um objetivo sendo visado quando atos falhos acontecem.

Nesse sentido, o texto da *Conferência III* menciona uma situação na qual um meliante aproveita-se da oportunidade proporcionada por um local ermo, numa noite escura, e carrega consigo relógio e carteira da vítima. Diante disso, seria possível registrar um boletim de ocorrência, alegando-se algo que, apesar de insólito, não deixa de conter alguma plausibilidade, se fosse dito que “isolamento e escuridão roubaram meus pertences”¹³.

Contudo, o funcionário que nos atendesse nessa situação poderia introduzir uma retificação a essa queixa carregada de uma “opinião extremamente esquemática”¹⁴. Ele diria, pois, que “seria melhor apresentar os fatos assim: ‘valendo-se da escuridão e favorecido pelo isolamento do lugar, um ladrão desconhecido roubou os pertences’”¹⁵ que trazíamos. Além disso, a tarefa principal é encontrar o ladrão. Depois, “talvez, então, sejamos capazes de recuperar o produto do roubo”¹⁶.

Um aspecto privilegiado na caracterização de atos falhos os seleciona no vasto oceano de acontecimentos mentais, pois, “no momento interessa-nos principalmente a situação psíquica na qual ocorre o *esquecimento*”¹⁷. Mas com o intuito de evitar uma relação causal entre o fenômeno dos atos falhos e outros fatores importantes, que são referentes, porém, a uma mera eventualidade, é dito

¹² FREUD, S., *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VI, Rio de Janeiro, Imago, 2006, p. 39.

¹³ FREUD, S., *Conferência III*, *opus cit.*, p. 54.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 54.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 54.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 54.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 61, grifo meu.

que “a influência das condições fisiológicas sobre a produção dos lapsos de língua mediante ligeira doença, distúrbios da circulação ou estados de exaustão deve ser reconhecida de imediato. (...) Antes de tudo, elas *não são* precondições necessárias dos atos falhos”¹⁸.

Ora, dentre os atos falhos, Freud considera que merecem especial destaque aqueles que são denominados *acumulados* — e o “acúmulo desses fenômenos revela uma *persistência* que quase nunca constitui característica de eventos casuais, a qual, porém, se ajusta muito bem a algo *intencional*”¹⁹. Trata-se, pois, de percebê-los enquanto “constituem a combinação de um esquecimento com um erro”²⁰. Em outras palavras, no ato falho que aparece assim *combinado* subjaz “uma corrente oposta de pensamento, que reluta em executar a intenção”²¹, e isso é um indício de que existe na mente uma instância outra que não apenas a consciência.

O acordo

Os atos falhos são, afinal, o resultado, por assim dizer, do atrito entre duas intenções distintas: uma intenção *perturbada* e outra intenção *perturbadora*. Os lapsos priorizados na etapa seguinte, na *Conferência IV*, serão ainda os lapsos de língua; contudo, o que mais interessa nesse contexto é que as intenções perturbadoras e as outras intenções são de espécies bem distintas e, por essa razão, é preciso encontrar um *fator comum* entre elas.

Antes, porém, vale ressaltar que o traço distintivo dos atos falhos, ou seja, o que os diferencia de outros fenômenos muito similares, situa-se no fato de que

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 61, grifo meu.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 64, grifo meu.

²⁰ FREUD, S., *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana, opus cit.*, p. 229. Na *Conferência III*, Freud os considera “a fina flor de sua espécie”, p. 64.

²¹ FREUD, S., *Conferência III, opus cit.*, p. 61.

nestes últimos “lhes falta uma segunda intenção capaz de lhes fazer oposição e de ser perturbada”²². E, novamente Freud faz uma classificação, estabelecendo três grupos de atos falhos, desta vez, relacionados à intenção perturbadora:

- A intenção perturbadora é do conhecimento de quem fala e, além disso, foi *percebida* por este antes de cometer o lapso de língua²³.
- A intenção perturbadora é igualmente reconhecida pela pessoa que fala; mas, a pessoa *não se apercebia* de que a intenção estava atuando dentro dela. Ela aceita nossa interpretação de seu lapso; porém, permanece surpresa com o mesmo²⁴.
- A interpretação é vigorosamente *rejeitada* por aquele que incorreu no lapso. Não apenas é negado que essa intenção estava atuante nele antes de cometer o lapso, mas também procura sustentar a afirmação de que tal intenção lhe é inteiramente estranha²⁵.

Após essa classificação, o autor procura evidenciar que é preciso compreender isso no âmbito de uma visão dinâmica dos fenômenos mentais. Nesse sentido, ele considera que o fator comum entre os três mecanismos de lapsos de língua refere-se à expressão de algo que havia sido rechaçado: “*a intenção, que foi repelida, é expressa em palavras, contra a vontade de quem fala, seja alterando a expressão da intenção permitida, seja confundindo-se com essa expressão, ou realmente tomando seu lugar*. Este é, pois, o mecanismo do lapso de língua”²⁶. Esse quadro, assim estabelecido, permite notar não só que há duas intenções operantes, mas que havia um conflito anterior e uma delas foi

²² FREUD, S., *Conferência IV, opus cit.*, p. 68.

²³ Idem, *ibidem*, p. 70.

²⁴ Idem, *ibidem*, p. 71.

²⁵ Idem, *ibidem*, p. 71.

²⁶ FREUD, S., *Conferência IV, opus cit.*, pp. 71-72.

constrangida a não se manifestar plenamente, antes de acontecer seu surgimento como uma intenção perturbadora.

Os atos falhos são, pois, “o resultado de um acordo: constituem um meio-êxito e um meio-fracasso para cada uma das duas intenções; a intenção que está sendo desafiada não é completamente suprimida, salvo em casos especiais, nem é levada a cabo em sua íntegra”²⁷. E assim, de acordo com Alfredo Jerusalinsky, pode-se dizer que “a psicanálise nasce precisamente dos impasses entre o sujeito e a língua”²⁸.

Deste modo, o que é possível concluir dos textos das *Conferências* freudianas é que existe uma instância outra na mente e que ela é operante, conforme se pode constatar da maneira, por assim dizer, mais natural, pois não é preciso doença, cansaço ou exaustão, nem de distração alguma para comprová-lo. Essa instância, conforme Freud nos deixa entrever nesse conjunto de textos, é o inconsciente. Uma das considerações mais significativas da existência de tal instância é o fato de haver duas intencionalidades, que podem estar conflitantes, na medida mesma em que há necessidade de existir um acordo entre ambas.

Mas esse conflito entre as duas intenções nos envia a outro patamar, à teoria do recalque, que Freud declarou ser “a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”²⁹, e escapa a nossos propósitos iniciais de examinar os atos falhos e isso que os distingue de outros atos psíquicos, a intencionalidade perturbadora.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S., Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 2006.

²⁷ Idem, *ibidem*, pp. 72-73.

²⁸ JERUSALINSKY, A., *Saber falar, como se adquire a língua*, Petrópolis, Vozes, 2008, p. 20.

²⁹ FREUD, S., *Obras psicológicas de Sigmund Freud, Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol. I, coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns, Rio de Janeiro, Imago, 2004, p. 175.

FREUD, S., *Obras psicológicas de Sigmund Freud, Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol. I, coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 2004.

JERUSALINSKY, A., *Saber falar, como se adquire a língua*, Petrópolis, Vozes, 2008.

NASIO, J.- D., *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*, Rio de Janeiro, Zahar, 1995.